

## A formação continuada para a abordagem transdisciplinar da leitura

Prof. Mestre Osvaldo Barreto Oliveira Júnior<sup>i</sup> (IF Baiano)  
Profa. Mestre Edna Maria de Oliveira Ferreira<sup>ii</sup> (IF Baiano)

### **Resumo:**

Neste artigo discutimos a leitura como atividade transdisciplinar de construção do conhecimento, que perpassa as diversas áreas do saber numa sociedade letrada. Para isso, evidenciamos as proposições apresentadas no projeto de nossa autoria que foi selecionado pelo IF Baiano como proposta de formação continuada para professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Nesse projeto, adotamos uma concepção de leitura fundada nos estudos sociointeracionistas da linguagem humana, a fim de refletir sobre o papel do professor na formação de leitores críticos e ativos, capazes de articular os sentidos mediados pelos textos lidos. Metodologicamente, dividimos este texto em duas partes: na primeira, dialogamos com estudiosos que se interessam pelo processo da leitura; na segunda, apresentamos, de forma sucinta, a metodologia escolhida para o desmembramento do projeto supracitado. Com isso, pretendemos argumentar que a leitura constitui ação polivalente de construção de efeitos de sentido.

**Palavras-chave:** leitura, dialogismo e transdisciplinaridade.

## **1 Introdução**

Pensar o lugar da leitura nos processos educativos implica reconhecer as diversas funções que essa atividade pode desempenhar no desenvolvimento sociocognitivo do sujeito que lê. Nessa perspectiva, acreditamos que a leitura deva se dispersar pelos ambientes educacionais, assumindo importantes espaços nas ações desenvolvidas no âmbito das diversas disciplinas do currículo. Essa dispersão precisa ocorrer mediante o diálogo dos diversos saberes articulados nos processos educativos desenvolvidos nas instituições, a fim de possibilitar a articulação de vozes diversificadas, para a materialização de um conhecimento novo, que seja significativo para o aprendiz.

Por essa razão, optamos por defender uma abordagem transdisciplinar da leitura, efetivada mediante o empenho dos vários atores envolvidos nos processos educativos, a fim de assumi-la como atividade essencial à construção do conhecimento, uma vez que viabiliza, de forma dialógica, o acionamento do dado e do novo, do eu/tu e do nós/vós, para a interação com os saberes pretendidos. Ademais, convém ressaltar que consideramos que todo professor é, na verdade, mediador de linguagens, pois precisam fornecer aos seus alunos orientações e subsídios para interagirem, através da leitura dos gêneros textuais em que o conhecimento disciplinar se estrutura, estimulando a assimilação, interpretação, reflexão e criticidade dos conteúdos trabalhados.

Falamos, portanto, de uma perspectiva que reconhece a leitura como atividade através da qual diálogos são tecidos, tomando o texto como objeto concreto articulador da interação social. Então, se assumirmos as postulações de Bakhtin (2003), Vygotsky (1998) e Foucault (1999), dentre outros, acerca do caráter social de constituição do sujeito, enquanto ser sócio-histórico, ideológico, cognitivo e cultural; devemos reconhecer que, através da leitura – atividade de interlocução através do texto – a pessoa humana se significa como sujeito pensante; logo, articula de saberes para uma interpretação crítica e ativa dos conhecimentos.

Por essa razão, tentamos discutir neste artigo a nossa proposta de abordagem transdisciplinar da leitura, desenvolvida desde março de 2010, com o intuito de oferecer curso de formação

continuada a professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, cujo foco é a assunção do ato de ler como prerrogativa básica para aprendizagem dos conhecimentos acionados pelas diversas disciplinas do currículo escolar. Essa proposta foi apresentada à Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional do IF Baiano, que, comprometida com o desenvolvimento educacional no estado da Bahia, acionou os órgãos competentes, incluindo-a como uma das principais ações do instituto no âmbito da formação continuada de professores da educação básica.

Por conseguinte, apresentamos, a seguir, as postulações teóricas que fundamentam o nosso olhar sobre a abordagem transdisciplinar da leitura e os percursos metodológicos que escolhemos para a viabilização dessa proposta. Esperamos, com isso, contribuir para a tessitura de um rico diálogo sobre as funções da leitura no ambiente escolar e na sociedade, embora sejamos conscientes de que esse texto deva servir apenas de mote para a discussão, por ora pretendida, já que, num espaço tão exíguo e diante de nossas limitações, não conseguiríamos, mesmo se quiséssemos, esgotar tema tão profícuo.

## **2 Leitura na Escola: uma tarefa de todos**

Todas as formas de linguagem, incluindo o processo de leitura, são ferramentas/ações transdisciplinares básicas para a construção e aquisição do conhecimento, pois perpassam as diversas áreas do saber numa sociedade letrada. A leitura extraclasse, em particular, promove o aprofundamento do conteúdo trabalhado em sala de aula, uma vez que, de posse de textos reflexivos e demonstrando a competência leitora, o aluno/cidadão poderá praticar a verticalização do currículo, melhorando seu desempenho nas várias áreas do conhecimento. Logo, saber ler, compreender e interpretar textos de diversos gêneros, materializados nas mais variadas linguagens, tornou-se imperativo. Assim, não apenas a escola, mas também toda a sociedade, em parceria com várias instituições, deve promover e divulgar a leitura.

O ato de ler, embora fundamental na escola, nem sempre se constitui numa atividade prazerosa ou, até mesmo, priorizada. Há problemas de ordem econômica, emocional, social e, até, ausência de habilidades requeridas para se trabalhar, na escola, essa atividade. São muitos os professores que ainda se sentem alijados do processo de mudança de paradigmas, uma vez que a produção acadêmica nem sempre chega à escola. Ou, quando e aonde chega, não alcança todos, ou ainda, não significa muito em relação à mudança da prática pedagógica. Isso impede a plena realização da leitura, o que deve ser refutado pela escola moderna: há que se encontrarem caminhos para que professores e estudantes valorizem a leitura como forma de abandonar atitudes que se aproximem da “educação bancária”, tão combatida por Paulo Freire.

A fim de mudar essa conjuntura, tentamos ir ao encontro dessas necessidades e das especificidades apresentadas nas escolas brasileiras, após análise dos resultados de diversas avaliações externas, como Prova Brasil, PISA, dentre outras. Para tanto, assentamos nossos interesses epistemológicos e nossas propostas pedagógicas no valor e na importância da leitura, buscando subsidiar a adoção de medidas que superem as deficiências detectadas. É relevante, pois, que se dê a devida atenção à formação continuada de professores da educação básica, bem como que se encontrem meios de associar o saber científico produzido nas academias ao desenvolvimento de cada unidade de ensino, num contexto de formação continuada de professores.

A concepção de leitura que respalda nossas intenções segue uma linha dialógica: a leitura seria mais que a decifração de códigos linguísticos; seria uma interpretação crítica da realidade, obtida através de conhecimentos prévios, experiências de vida e leituras anteriores. Supõe, portanto, que o leitor assuma papel ativo na atribuição de sentidos, e não de mero receptor das ideias veiculadas. Nessa lógica, Freire (1988, p. 22) enfatiza que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, transformá-lo através da prática consciente. Assim, a leitura resulta numa ação contra-

hegemônica, porque, ao tornar o leitor consciente da realidade, desvelam-se as contradições do sistema, oferecendo uma visão mais clara das relações de dominação e de poder desse mesmo sistema.

Para Kleiman (1994, p. 39), a leitura é atividade que produz compreensão e é resultado das relações estabelecidas com o autor durante o ato de leitura. Dessa forma, a autora posiciona-se favoravelmente ao que denomina de perspectiva interacionista da leitura. Tanto para essa pesquisadora quanto para Kato (2007), a visão estruturalista – aquela que valoriza o texto como objeto acabado e dotado de um sentido prévio – evidencia apenas o processamento das informações explícitas do texto, desconsiderando, portanto, as formas de processamento do conteúdo implícito subjacente à tessitura do texto.

Diante disso, toda a atividade que se propõe a superar as dificuldades detectadas no desenvolvimento da linguagem que os alunos apresentam, através da criação de estratégias e de mecanismos específicos que instrumentalizem o professor para que este reverta em benefícios ao aluno, desenvolvendo-lhe as competências e habilidades em leitura, devem ser incentivadas. É válido ressaltar que a tarefa de estimular a apreciação de textos diversos, para que, através do diálogo entremeado pela leitura, os sentidos aflorem, é dever de todos, e não somente do professor de Língua Portuguesa,

Nessa lógica, os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem para o ensino de língua portuguesa a construção de uma política de formação que possibilite ao professor investir em um diálogo contínuo e sistemático com as contribuições advindas de estudos teóricos e empíricos desenvolvidos nos diversos campos disciplinares, os quais tomam como objeto de investigação a língua(gem) à luz de abordagens distintas- linguística cognitiva, discursiva, interativa, pragmática, sociológica e filosófica.

Essas considerações convidam-nos para o engajamento de todos na tarefa de ensinar/aprender a ler. Para isso, torna-se necessário romper as limitações que o positivismo incutiu nas diferentes áreas do saber, estabelecendo fronteiras entre as disciplinas, com o objetivo de levar professores de áreas diversas ao estabelecimento de um diálogo profícuo, capaz de possibilitar a construção transdisciplinar do conhecimento, usando, como ação mediadora, diversas estratégias de leitura.

### **3. Leitura e Transdisciplinaridade**

Na sociedade da informação, em que a velocidade e o volume de conhecimento circulante ultrapassam os limites impostos pelas barreiras físicas, devido às novas formas de interação suscitadas pelas tecnologias digitais, talvez a maior tarefa da escola seja proporcionar a formação de sujeitos leitores, capazes de interagir com as múltiplas linguagens presentes na sociedade; rompendo, para isso, as fronteiras existentes entre as disciplinas, a fim de possibilitar diálogos que concretizem conhecimentos representativos da multiplicidade de olhares com os quais interagimos na vida em sociedade.

*A priori*, podemos afirmar que essa não é uma tarefa fácil, pois depende da mobilização de saberes e competências diversos. Daí a necessidade de pensarmos um novo modelo pedagógico que não se limite à visão disciplinar de ciência. Não se trata de contradizer as contribuições incutidas no campo educacional pela divisão do conhecimento em disciplinas, e sim de propor a adaptação dessas contribuições aos anseios e necessidades do tempo presente: um tempo que se faz em multiplicidade, assumindo contornos diversos, sujeitando as pessoas a diversas identidades. Logo, a complexidade e a multirreferencialidade são marcas da nossa época; consequentemente, a construção do saber deve incorporar essas marcas.

Assim, para que engendremos o trabalho com a leitura na escola nas perspectivas atuais de formação do sujeito e do conhecimento, é preciso concebê-la como responsabilidade de todos os atores da prática docente, assumindo-a como meio (metodologia) de interação/aquisição/construção do conhecimento, num paradigma holístico (Morin, 2001) de educação. Em outras palavras: a

leitura deve mediar diálogos entre os vários saberes a que o aluno tem acesso, permitindo-lhe agir de forma criativa, crítica, interpretativa e reflexiva para compreender e transformar as coisas do mundo. Nessa tarefa, a multiplicidade de olhares, pressuposta numa abordagem transdisciplinar de leitura, pode ajudar o aprendiz a constituir o novo a partir da confluência de saberes.

Essa abordagem implica a desfragmentação dos saberes disciplinares, propondo que ocorra uma profusão dos mesmos. Ao se inserir nessa dispersão, o aluno seria estimulado a participar de um rico diálogo, propiciador da superação do já dado, para articular o novo. É nesses termos que alguns pesquisadores propõem a transdisciplinaridade como forma de consolidação de uma educação emancipatória, cuja finalidade seria vislumbrar a conquista de autonomia por parte do sujeito que aprende, mediante a transformação do saber em formas significativas de participação social.

Como se vê, em nossa concepção sobre leitura e transdisciplinaridade está implícito um posicionamento político que critica o modelo paradigmático de conhecimento, segundo o qual, a apropriação do saber perpassa pela aceitação de modelos estabelecidos por uma tradição. Para se inserir nessa crítica, o docente deve conhecer muito bem este modelo, a fim de que possa, holisticamente, superá-lo; pois não se consegue suplantar o que não se conhece. Ou seja, conhecer as bases teóricas e práticas que subsidiam a educação por disciplinas é condição *sine qua nom* para entender como a abordagem transdisciplinar pode suscitar uma edificação mais consciente do conhecimento.

Nesse ponto, sentimos a necessidade de inserir explicitamente em nossas palavras as vozes que nos ajudam a compreender o fenômeno da transdisciplinaridade. Para isso, acionamos Luiz Percival Leme Brito (2007, p. 61):

A investigação transdisciplinar supõe a elaboração de um novo objeto, com questões específicas, cujas respostas e metodologia podem resultar da confluência de diferentes saberes disciplinares, os quais perdem sua especificidade, seus modos de ser particulares e sua autonomia para a constituição de um novo campo de saber. Em outras palavras, o ponto de partida é a indagação de um fato de mundo e, à medida que essa indagação de um fato de mundo e, à medida que essa indagação é tratada de maneira transdisciplinar (porque não se resolve no interior de nenhuma disciplina), identificam-se problemas e se explicitam as necessidades de conhecimentos práticos e objetivos já produzidos.

Nessa orientação, não se trabalha com um conteúdo desde logo estabelecido. O que ocorre é, considerando as necessidades de conhecimentos específicas que esse conteúdo projeta, a busca de resposta em outros espaços e outras formas de pensamento. O processo de incorporação das disciplinas já estabelecidas na construção de novos saberes implica a transformação das próprias disciplinas, num movimento que é já a crítica ao modelo paradigmático do conhecimento.

Destacam-se, nas palavras desse pesquisador, alguns conceitos basilares à noção de transdisciplinaridade, tais como: elaboração de um novo objeto, confluência de saberes disciplinares e novo campo de saber. Isso evidencia que assumir essa forma de investigação, de construção do conhecimento, exige aceitar que o conhecimento pode sempre ser transformado, contestado, já que, na convergência de olhares e de vozes, novos objetos podem ser construídos. Além disso, há nelas uma proposta de esquecimento das especificidades, pois quanto mais se inter-relacionarem as disciplinas menos específicas elas devem ser; metaforicamente, nessa abordagem, o eu e o tu se misturam, esquecendo um pouco de si, para incorporar o outro.

Outrossim, essa abordagem focaliza um comprometimento político com as funções da aprendizagem para a construção da subjetividade de um ser complexo, porque psicossocial, emocional, cognitivo, afetivo, político, cultural; em síntese, nessa perspectiva, a seleção dos objetos a serem estudados deve considerar as necessidades dos estudantes, pautando-se num processo

educativo preocupado com os interesses dos alunos, das classes populares e em consonância com as novas demandas sociais.

A leitura numa nuance transdisciplinar relativiza saberes, aciona vozes diversas, insere no cerne dos processos educativos um questionamento sobre a neutralidade do discurso pedagógico, que, como todo ato de linguagem, assume contornos definidos pelas relações de poder vivificadas na sociedade. Assim, subentende comprometimento com as significações atribuídas pelo estudante aquilo que ele vivencia na escola.

Mais uma vez, sentimos que é válido explicitar a noção de língua(gem) que respalda nossa proposta de abordagem transdisciplinar da leitura, inserindo, nesse esclarecimento, outras concepções que são pertinentes à compreensão do que acreditamos, como sujeito, sociedade, educação e conhecimento.

Por acreditarmos que, por meio do diálogo, da interação com *outrem*, o homem constrói linguagem e conhecimento, fundamentamos nossa proposta na noção de língua defendida por Bakhtin (2006): fenômeno social que se vincula às necessidades de comunicação social dos viventes em uma sociedade humana. Nessa perspectiva, língua é veículo de interação, de interlocução, de mediação de saberes e de construção da alteridade.

O sujeito, também numa perspectiva bakhtiniana, constrói-se na interação social mediada pela linguagem; isto é, são fenômenos imbricados, já que um pressupõe e legitima o outro. Se a linguagem permite a constituição do sujeito, este, por sua vez, assume-se como tal através da linguagem. E usar linguagem significa entrar em contato com outros seres, portanto, o sujeito produz-se num processo contínuo em que alteridade e linguagem são fatores decisivos.

Vale ressaltar que a construção da subjetividade é um processo histórico, por isso, ajusta-se a mudanças sociais ocorridas no percurso do tempo. Nesses termos, a noção de sociedade torna-se crucial para o entendimento de uma abordagem transdisciplinar de formação leitora. Aqui, conscientemente, indagamos: por que pensar em transdisciplinaridade então? Justamente porque a sociedade mudou, assumindo contornos insólitos que se desmancham continuamente, devido à complexidade das relações interpessoais estabelecidas, dos recursos tecnológicos disponíveis e da própria consciência de que o conhecimento é mutável.

Estamos falando, pois, de uma sociedade plural, que visa à convivência harmônica entre os sujeitos, valorizando e respeitando as diferenças; no entanto, ainda é desigual, exploradora e convive com formas arcaicas, embora disfarçadas, de manutenção do poder. Noutros termos, experimentamos a época em que paradoxos avultam-se, já que discursos e fatos nem sempre se equivalem; por isso, esse modelo de sociedade exige uma educação que seja transformadora do ser, que suscite emancipação, a fim de preparar para o exercício da cidadania, e isso, num contexto plural, exige diálogos múltiplos, consubstanciados também através da leitura.

Abordando sociedade, tangenciamos educação, outra questão que precisa ser definida em nossa proposta. Dessa forma, defendemos uma educação emancipatória, para o novo, pois uma abordagem transdisciplinar de leitura deve reconhecer que a repetição do já posto não faz sentido numa sociedade cuja principal marca é a velocidade de transformação; logo, os processos educativos não devem se contentar com a exposição do que já existe, e sim com a busca de percursos que garantam, na articulação de diversas vozes, a consolidação de algo novo.

Cosendo saberes e entremeando concepções, produzimos a fundamentação de nossa proposta, considerando que a aprendizagem da leitura torna-se mais profícua, quando articulada a partir de diversos saberes, que são acionados pela convergência das disciplinas, para suscitar uma transformação radical da visão compartimentada de educação escolar. Ao articular leituras para produzir saberes, o aluno será estimulado a exercitar, também, um dos principais pilares para a educação neste milênio: o aprender a aprender. Nessa atmosfera, o estudante deixa de ser aquele que aprende e passa a ser o sujeito que, ao aprender, pesquisa, reflete, critica, redimensiona, transforma, produz leituras diversas para que também aprenda a ser, a conviver e a fazer.

Nessa lógica, leitura e transdisciplinaridade assumem a função de eixos de articulação do conhecimento numa sociedade insólita como a nossa, que almeja edificar processos educativos

capazes de fomentar a convergência de quatro competências básicas para a vida em sociedade (DELORS, 2006): “pessoal (aprender a ser), social (aprender a conviver), produtiva (aprender a fazer) e cognitiva (aprender a aprender)”.

Então, se a leitura permite significar/ressignificar o mundo e as coisas, processos e sujeitos que dele fazem parte, ela, numa visão que supera as especificações disciplinares, auxilia o sujeito a constituir-se enquanto tal, inserindo-se ativamente nos processos sociais, para, dentre outras coisas: dominar linguagens, a fim de compreender processos e fenômenos diversos; atuar com autonomia, responsabilidade e respeito; interagir socialmente buscando compreender o outro (alteridade); transformar conhecimentos adquiridos em competências úteis à vida em sociedade; assumir valores éticos e estéticos comprometidos com a integridade da pessoa humana e com a harmonia social.

#### **4. A abordagem transdisciplinar da leitura: proposta de formação**

O projeto que dá origem a este artigo será desenvolvido em três etapas básicas, sempre pressupostas nos processos pedagógicos - planejamento, execução e acompanhamento – visando ao diálogo com professores do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, da rede pública de educação, sobre os aspectos teórico-metodológicos que respaldam a nossa proposta de abordagem transdisciplinar da leitura.

Durante o planejamento, serão realizadas consultas para diagnosticar as necessidades dos sistemas de ensino envolvidos na proposta, através de pesquisa com os professores da rede, para formatar o plano de curso a ser desenvolvido. Após o diagnóstico das necessidades, proceder-se-á com: a) Seleção e organização de materiais de apoio ao professor em formação (textos, propostas de atividades, vídeos, materiais a serem disponibilizados no *blog* do projeto, formas de interação virtual etc.); b) Elaboração das sequências de atividades (apresentação da proposta de trabalho, exposições didáticas, debates, seminários, painel de textos, construção de sequências didáticas) a serem desenvolvidas durante os módulos de execução do projeto; c) Sistematização das formas e mecanismos de avaliação e acompanhamento.

A execução será realizada em quatro módulos de 30 horas-aula cada (16 horas-aula presenciais e 14 à distância, via interação pelo *blog* do projeto). De forma presencial, os professores capacitadores, sob a orientação do coordenador pedagógico do projeto, ministrarão aulas, em formatos diversos (cursos, oficinas, seminários, palestras, vídeo-aula etc.), aos professores em formação, com vistas a discutir as concepções de língua, leitura, texto, sujeito-leitor, avaliação e leitura na escola, relacionadas às habilidades de leitura previstas na matriz da Prova Brasil e nos pressupostos teórico-metodológicos dos Parâmetros Curriculares Nacionais das diferentes áreas do conhecimento.

Essa discussão objetiva respaldar o professor em formação sobre aspectos teóricos associados a aplicabilidades das habilidades de leitura às diversas disciplinas do currículo escolar, tornando-o apto a usar esse conhecimento no planejamento de suas aulas, que deverão passar a focalizar o desenvolvimento das diferentes habilidades de leitura e, conseqüentemente, a capacidade de relacionar saberes para significar e construir sentidos. À distância, os professores em formação terão oportunidade de aprimorar os estudos presenciais, interagindo com os monitores por meio do *blog* do projeto, onde serão propostas leituras e atividades complementares (fichamento de textos, fórum de discussão, relatos de experiências etc.).

Em cooperação com as secretarias dos sistemas de ensino envolvidos no projeto, o coordenador e os professores acompanharão o desenvolvimento das atividades realizadas pelos professores em formação no âmbito de suas salas de aula, pleiteando mensurar a influência deste curso de formação continuada na *práxis* desses professores. Para isso, as secretarias de educação deverão fazer pesquisa com os professores participantes, aplicando instrumento elaborado pela coordenação deste projeto, que visa avaliar, dentre outras coisas: 1. o nível de satisfação dos

professores com a metodologia de trabalho abordada; 2. a funcionalidade dessa metodologia em sala de aula; 3. a contribuição dessa metodologia para a formação do professor e para o desenvolvimento da competência leitora no aluno. Vale ressaltar que esse acompanhamento não se confunde com a avaliação do curso de formação, que será feita pelos professores em formação ao final de cada módulo. O instrumento de acompanhamento só deverá ser aplicado após seis meses do término do curso, para que seja possível diagnosticar, na prática pedagógica dos referidos docentes, a influência da metodologia proposta. Por fim, realizar-se-á um seminário de experiências exitosas, através do qual os professores em formação irão relatar as experiências bem sucedidas.

Para viabilizar a realização de todas as etapas deste projeto, serão envolvidos os professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias dos vários *campi* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, sob a coordenação dos autores do projeto e coparticipação dos docentes da área de linguagem do *campus* Senhor do Bonfim.

A terceira e última etapa busca avaliar, após seis meses, conforme o que se propõe no projeto, possíveis avanços na área de ensino, demonstrados na prática pedagógica e na orientação teórico-metodológica evidentes na ação do professor em formação, ao selecionar melhor suas técnicas e estratégias de trabalho, entre outras ações prováveis.

Essa postura esperada no comportamento dos docentes permitir-nos-á refletir também na melhoria da construção do Projeto Pedagógico do Curso, bem como dos resultados dele advindos. Finalmente, esperamos que as ações desenvolvidas sejam impactantes no que se refere à produção do saber, em grupos de estudos formados para esse fim, além da melhoria visível na qualidade da educação básica oferecida pelo sistema participante dessa formação.

## **5. Conclusão**

Esperamos que o desenvolvimento do projeto supraespecificado consiga fomentar importantes reflexões acerca do papel de cada professor/disciplina na construção de saberes sobre e por meio da leitura, de modo a inserir nos ambientes escolares discussões sobre a necessidade de pensarmos um fazer educação diferenciado, assentado, sobretudo, na convergência de olhares, no diálogo entre diferentes componentes curriculares e na consecução do novo.

Dessa forma, materializaremos nossas intenções e predileções acerca de uma educação que conceba o ser humano em sua totalidade, consciente de que o processo de constituição da subjetividade perfaz-se por meio da linguagem, pois, na interação verbal, o sujeito, além de consubstanciar a aceitação do outro, constitui as próprias linguagens, saberes diversos e a si mesmo.

Ao creditarmos à leitura grande potencial para o fomento à aprendizagem, inserimos nossas concepções acerca do aprender no campo teórico das Ciências Sociais, Educação e Linguagem que reverencia o sociointeracionismo como ação constitutiva da existência humana; ou seja, demonstramos sintonia com a visão de que, através da interação social, o ser humano torna-se gente.

No sentido postulado por Freire, gente é uma categoria que explica o incabamento do ser, a saber: a transformação do homem em ser social depende das circunstâncias sócio-históricas, dos aspectos culturais e ideológicos em que o sujeito estabelece suas relações interpessoais, dispersados num processo contínuo de formação. Nessa acepção, o sujeito faz-se gente mediante a inserção em processos formativos, nunca prontos, sempre em construção, que lhe permitem agir dinamicamente no grupo social do qual faz parte.

Em síntese: os aspectos biológicos que nos inserem na raça humana, *per si*, não nos tornam gente, uma vez que essa condição é constituída no convívio com o outro, por meio do qual aprendemos, refletimos, interpretamos, enfim, construímos uma consciência cidadã sobre nosso lugar e funções no mundo.

Visando, então, a permitir a construção de percursos formativos docentes imbuídos de uma visão holística do aprendiz, a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional do IF Baiano apresentou nossa proposta ao MEC, que foi aprovada como curso de formação continuada para professores das redes municipais de ensino das cidades das regiões onde o instituto atua.

Após a aprovação do projeto, iniciou-se a etapa de apresentação do mesmo às secretarias municipais de educação, a fim de que fizessem adesão ao programa de formação, via convênio interinstitucional (IF Baiano e secretarias), para possibilitar a inscrição dos professores na Plataforma Paulo Freire.

Concebidos os termos legais e burocráticos, o programa conta (em agosto de 2011) com vários professores inscritos, totalizando 13 (treze) turmas, nas nove cidades polos: Bom Jesus da Lapa, Catu, Guanambi, Santa Inês, Senhor do Bonfim, Teixeira de Freitas, Uruçuca e Valença.

Com isso, esperamos contribuir para um amplo debate acerca da abordagem transdisciplinar da leitura, inserindo professores e alunos de várias regiões do estado da Bahia, num novo paradigma de construção de saberes, que se assenta na multipicidade de olhares, na responsabilidade social com as funções da leitura para a formação de consciências críticas e no constante diálogo entre diversas áreas do conhecimento.

## **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, C. **Vygotsky, quem diria?!**: em minha sala de aula. 6 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- ANTUNES, I. A leitura: de olho nas suas funções. In: **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BRITO, L. P. L. O ensino da leitura e da escrita numa perspectiva transdisciplinar. In: CORREA, D. A.; SALEH, P. B. de O. (orgs.). **Práticas de letramento no ensino**: leitura, escrita e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 53-77.
- DELORS, J. et al. **Educação**: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 10 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2006.
- FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 10 ed. Campinas-SP: Pontes, 2004.
- MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá



Jacobina. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

REVEL, J. **Foucault: conceitos essenciais**. São Paulo: Claraluz, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_ **Pensamento e Linguagem**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

---

<sup>i</sup> **Oswaldo Barreto Oliveira Júnior, Professor Mestre**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)

e-mail: osvaldobojr@yahoo.com.br

<sup>ii</sup> **Edna Maria de Oliveira Ferreira, Professora Mestre**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano)

e-mail: edmaof@hotmail.com